

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESIGN**

ARTHUR HENRIQUE SCHIOCHET

**A HIBRIDIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE LINGUAGEM DE *MAUS*.
COMO TÉCNICAS DE QUADRINHOS E JORNALISMO APLICADAS EM UMA
OBRA A TORNAM UM EXPOENTE EM SUA MÍDIA**

**CURITIBA
2019**

ARTHUR HENRIQUE SCHIOCHET

**A HIBRIDIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE LINGUAGEM DE *MAUS*.
COMO TÉCNICAS DE QUADRINHOS E JORNALISMO APLICADAS EM UMA
OBRA TORNAM ELA UM EXPOENTE EM SUA MÍDIA**

Trabalho acadêmico apresentado como requisito parcial na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Pós-Graduação em Narrativas Visuais, do setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: professor doutor Líber Eugenio Paz

CURITIBA

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

ARTHUR HENRIQUE SCHIOCHET

**A HIBRIDIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE LINGUAGEM DE *MAUS*.
COMO TÉCNICAS DE QUADRINHOS E JORNALISMO APLICADAS EM UMA
OBRA TORNAM ELA UM EXPOENTE EM SUA MÍDIA**

Trabalho acadêmico apresentado como requisito parcial na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Pós-Graduação em Narrativas Visuais, do setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

DATA DE APROVAÇÃO: 03 DE MARÇO DE 2020.

BANCA EXAMINADORA

AVALIADOR: PROF. DR. LIBER EUGENIO PAZ
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

AVALIADOR: PROF. ELISA PERES MARANHO
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

AVALIADOR: PROF. SIMONE LANDAL
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Resumo

Este trabalho acadêmico tem por finalidade pesquisar as técnicas de produção da História em Quadrinhos *Maus*, escrita e desenhada por Art Spiegelman e publicada originalmente em 1980. A obra utiliza recursos narrativos específicos dos quadrinhos, uma arte híbrida, que contém texto e imagem, mas além disso o autor se apropria de técnicas de jornalismo para a construção do roteiro, bem como uma escolha artística com significado implícito de antropomorfizar os personagens da história, tornando assim a obra um trabalho inicialmente possível de transcrição apenas na mídia que foi concebido. Portanto esta monografia tem a finalidade de relacionar as técnicas de produção da obra original e comentar as razões que fazem dela um exemplar específico do jornalismo em quadrinhos.

Ademais dessa relação proposta há também o intuito de apresentar uma definição básica do que é jornalismo em quadrinhos, corrente que se utiliza de uma arte, histórias em quadrinhos, com uma vertente de ciências sociais aplicadas, jornalismo, dessa forma gerando um conteúdo específico que não se enquadra nos limites comuns de análise. Não é por acaso que a obra ganhou tanta notoriedade que o Prêmio Pulitzer, especializado em literatura e jornalismo, em 1992 teve que criar uma categoria específica para premiar *Maus*.

Palavras-chave: Jornalismo, hibridização, técnicas, histórias em quadrinhos, *Maus*.

ABSTRACT

This academic work aims to research the production techniques of the comico book *Maus*, written and designed by Art Spiegelman and originally published in 1980. The work uses narrative resources specific to comics, a hybrid art, which contains text and image, but in addition the author appropriates journalism techniques for the construction of the script, as well as an artistic choice with an implicit meaning of anthropomorphizing the characters of the story, thus making the work an initially possible work of transcription only in the media that was conceived. Therefore, this article aims to relate the production techniques of the original work and comment on the reasons that make it a specific example of comic journalism.

In addition to this proposed relationship, there is also the intention of presenting a basic definition of what is comic journalism, a current that uses an art, comic strips, with a strand of applied social sciences, journalism, thus generating specific content that does not falls within the common limits of analysis. It is not by chance that the work gained so much notoriety that the Pulitzer Prize, specialized in literature and journalism, in 1992 had to create a specific category to reward *Maus*.

Key words: Journalism, hybridization, techniques, comics, *Maus*.

Sumário

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1. O QUE É JORNALISMO BIOGRÁFICO? | 9 |
| 1.1 DEFINIÇÃO DE JORNALISMO | 9 |
| 1.2 JORNALISMO BIOGRÁFICO. | 9 |
| 2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS | 12 |
| 3. JORNALISMO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM <i>MAUS</i>: A HISTÓRIA DE UM SOBREVIVENTE | 15 |
| 4. CONCLUSÃO | 22 |
| 5. REFERENCIAS | 23 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico tem função de pesquisar e apresentar a conjunção e hibridização de linguagens para a produção da HQ *Maus: a história de um sobrevivente*, escrita e desenhada por Art Spiegelman. As técnicas em questão são a de métodos jornalísticos e de produção de histórias em quadrinhos, portanto é necessário apresentar o que é cada técnica/arte para se ter um ponto de partida.

A definição de histórias em quadrinhos é complexa e pode gerar divergências acerca do que pode ser visto como parte dessa arte. Se partirmos da definição de quadrinhos são arte sequencial, definida dessa forma por EISNER (1985, pág 5.), no livro “Quadrinhos e arte sequencial”, portanto vamos abrir o leque de casos observáveis para os registros pictográficos dos homens das cavernas ou de tapeçarias que contavam sobre vitórias em batalhas ou sobre linhagens sucessórias de monarcas.

Ao passar do tempo, com o desenvolvimento de jornais os cartuns se tornaram precursores dos quadrinhos, pois envolviam a união de elementos gráficos e tipográficos, a união que permanece até hoje entre texto e imagem. A transição de quadros e a complementação de espaços vazios entre um quadro e outro é parte preponderante dos quadrinhos nos dias de hoje. Existem reformulações de formatação e a organização de quadros se torna parte da narrativa, porém não é esse o caso de pesquisa deste projeto acadêmico.

Jornalismo é algo difícil de se definir, principalmente porque as ciências de comunicação se baseiam nas relações de emissor e receptor, mas não acerca de como e o que é jornalismo, seja pela complexidade do recorte ou pela falta de uma demanda acerca da academia para gerar uma descrição definitiva, seja para a pesquisa quanto para a sociedade. Vou me bastar neste pré-projeto a comentar que Jornalismo é uma união de técnicas que dependem do meio que será publicado para que cada técnica seja aplicada, por exemplo, os documentários dependem de filmagens para serem produzidos e de uma tela para serem exibidos, já em um caso de jornalismo em quadrinhos há a necessidade de um meio impresso e de desenhos aliados aos textos. O caso de *Maus* está enquadrado em uma categoria pouco explorada pelo jornalismo, o jornalismo em histórias em quadrinhos, que une as técnicas de produção do roteiro, captação depoimentos e organização de um texto, para depois realizar

as artes e organizá-las em forma de histórias em quadrinhos, com uma narrativa visual.

Ao pesquisar sobre *Maus* partimos de uma HQ que possui um conteúdo premiado pelo Pulitzer, mais renomado prêmio de publicações do mundo, porém o objetivo aqui é de analisar apenas sua forma, levando em consideração os elementos específicos de quadrinhos que fazem da obra uma narrativa que é exclusiva de sua mídia, ou não, mas isso será desenvolvido durante o projeto.

O fato de *Maus* possuir personagens reais com antropomorfismo como forma de narrativa faz com que tenha uma diferença grande entre o quadrinho e um texto bruto dos detalhes de um sobrevivente do holocausto.

O objetivo principal deste projeto acadêmico é apresentar o jornalismo em quadrinhos e buscar uma definição que reúna o que há de mais aceito na academia no atual momento.

A comunicação e a arte andam juntas em grandes períodos, porém ainda não há uma publicação que reúna um conceito mundialmente aceito sobre o que é “jornalismo em quadrinhos”, porém, obviamente, esta não é a pretensão desse artigo. Contudo, aqui será apresentada uma união de ideias e teorias de diversos ramos para se partir de um ponto inicial do que é jornalismo em quadrinhos.

Partindo do objeto de pesquisa, a história em quadrinhos *Maus*, o objetivo é argumentar os motivos pelos quais ela é enquadrada em jornalismo e quadrinhos e ao mesmo tempo explicar o que leva a essa conclusão.

1. O que é jornalismo biográfico?

1.1 DEFINIÇÃO DE JORNALISMO

Antes de uma pesquisa mais aprofundada sobre as vertentes do jornalismo é preciso saber o que é jornalismo, sem se enquadrar em uma ciência própria, pois estudos comunicacionais são distintos de estudos jornalísticos. O jornalismo surge no século XV, atrelado a criação da prensa de Gutenberg, criando assim um laço que permanece até hoje entre o exercício da profissão e o advento de novas tecnologias.

Em definições mais aceitas o profissional jornalista é encarregado de lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações.

Segundo Costa (2015, pág. 16), no prefácio do livro “Jornalismo e Contemporaneidade” o jornalismo pode ser descrito como:

A essência da atividade jornalística está na seleção e organização da apuração da reportagem (a coleta e a contextualização do acontecimento), para a publicação num determinado meio (impresso, radiofônico, televisivo, online). Esse trabalho ganha o nome de “edição”. Jornalismo é uma atividade informativa, realizada periodicamente e difundida pelos meios de comunicação, num compromisso de natureza social e com finalidade pública.

Essa definição, no entanto, esbarra em categorias e gêneros jornalísticos distintos, como reportagem e editorial, por exemplo.

O papel do jornalismo não se reduz apenas a contar “estórias” ou informar as pessoas para que tenham assuntos nos seus grupos, mas também contribui muito para a formação de uma democracia. Traquina (2005, p. 22) afirma que “(democracia) não pode ser imaginada como sendo um sistema sem liberdade e o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura”, em um papel fundamental na sociedade atual.

1.2 JORNALISMO BIOGRÁFICO

Antes de falar um pouco mais sobre o jornalismo biográfico, é interessante explicar um pouco mais o que é o jornalismo literário, que foi utilizado na

construção de *Maus – A História de um Sobrevivente*. O segmento do jornalismo literário tem vertentes como “o new journalism, o gonzo jornalismo, o romance-reportagem e a biografia” (PENA, 2006, p.21). Ao ler *Maus* os elementos apresentados na maioria da obra são uma reconstrução de uma biografia de um sobrevivente de Auschwitz na Segunda Guerra Mundial.

Entre os elementos indissociáveis do jornalismo está a objetividade sobre os fatos acima de tudo, algo que pode ser discutido no campo filosófico da comunicação de que a partir do momento em que se conta um fato para alguém ele já possui uma nova interpretação.

O jornalismo utiliza características da literatura, mas as usa para retratar o real, o factual e o diário, portanto para a construção de uma biografia, a memória não é o primeiro fator a ser pesquisado, mas sim documentos, fotos, correspondências, recortes de jornal (clippings), para então partir para a memória, que pode sim ter interferências de autoproteção ou a falta de pequenos episódios de ligação, por exemplo. Segundo o jornalista Sérgio Vilas Boas, um dos maiores teóricos de jornalismo e biografia no Brasil, “As fontes secundárias são um exercício de lembrar. Mas lembrar não é viver, e sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (de ontem ou de muitas décadas atrás)” (VILAS BOAS, 2002, p.64).

O jornalismo literário e o jornalismo biográfico andam de mãos dadas, pois fogem de uma produção factual, diária e instantânea, que ocorre nas redações do mundo todo. É importante deixar claro que o jornalismo biográfico é apenas uma das possibilidades do jornalismo literário, que pode explorar inúmeras maneiras de pesquisa, produção e linguagem.

Ao analisar o jornalismo biográfico há alguns fatores que podem ser explorados, desde uma produção que coloca o autor como um *ghostwriter*, que em momento nenhum diz ter alguém além do biografado na produção. O caso de *Maus* é muito particular, pois reflete uma narrativa onde o autor é um personagem, transformando uma autobiografia para contar como foi a produção de uma biografia. Na *graphic novel* o autor de *Maus*, Art Spiegelman é personagem e entrevista seu pai para contar o que de fato é proposto, porém

adiciona camadas de interpretação e da própria produção que estão impressas no material final.

Antes de irmos para o próximo capítulo é importante pontuar sobre o que é o *New Journalism*, vertente que surge nos anos 60 nos Estados Unidos e tem como representantes alguns dos maiores nomes da profissão, como Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese, que defendiam uma construção mais profunda do jornalismo para que os leitores se sentissem dentro das histórias contadas, algo muito além do *lido*, termo jornalístico que se refere às seis perguntas que orientam a escrita do primeiro parágrafo de uma notícia, que são: o que, quando, quem, como, onde e por quê. Algo que foi criado justamente para a busca pela objetividade, mas que torna as matérias factuais muito burocráticas.

É o New Journalism que desbrava as barreiras do jornalismo e possibilita a chegada de *Maus* e outras obras sendo definidas como jornalismo em quadrinhos. Tom Wolfe é muito importante para configurar *Maus* como jornalismo por uma de suas mais conhecidas citações acerca do New Journalism:

Neste novo jornalismo não há pecados capitais; não ainda, de qualquer modo... se o jornalista quer mudar do ponto de vista em terceira pessoa para o ponto de vista de primeira pessoa na mesma cena, ou se quer entrar e sair do ponto de vista de diferentes personagens, ou se quer saltar da voz do narrador onisciente para o fluxo de consciência de outro alguém (...) ele o faz. Para esses glutões do estilo, a única regra é a do fora-da-lei, no que se refere à técnica: tome-a, use-a, melhore-a (WOLFE, 1976, p. 53).

2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Para procurar uma resposta à pergunta “O que é história em quadrinhos?” podemos partir de uma análise rasa de que é uma linguagem que une texto e imagem em um único espaço, porém para este trabalho acadêmico a busca vai além dessa descrição, com foco em o que constitui uma história em quadrinhos moderna, com suas particularidades de narrativa e apresentação.

Em primeiro lugar, a análise de que quadrinhos são apenas imagens e texto unidos deixa de fora todo o contexto de disposição e diagramação, por exemplo. Um quadrinista não necessariamente pensa em desenhos únicos, mas sim em um amálgama de ilustrações que contenham um movimento de quadro para quadro, balonamento, disposição de leitura e até utilização de espaços vazios.

Para tentar buscar essa definição precisamos saber antes quais são os elementos básicos das histórias em quadrinhos, para Groensteen (2015) “o quadro é a unidade básica de linguagem dos quadrinhos” (pág. 14).

Isso determina que nem todas as imagens e desenhos são quadrinhos, excluindo assim as ideias de que pinturas rupestres são HQ's, pois ali não há uma disposição de quadros que foque nessa dinâmica dos quadros. Groensteen (2015) ainda complementa a sua visão primordial do que se necessita para que um quadrinho seja caracterizado como tal. Para ele os quadrinhos são uma combinação original de uma matéria de expressão aliada para com um conjunto de códigos (pág. 14), como é o caso dos quadrinhos contemporâneos que conhecemos, que da forma mais tradicional aliam imagens desenhadas com algarismos textuais.

Há também uma definição que os desenhos de histórias em quadrinhos não devem ser analisados da mesma maneira que se lê uma pintura, por exemplo, pois agrega-se uma narrativa aos quadrinhos que não se aplica necessariamente às artes plásticas que não possuem a mesma dinâmica. A percepção do leitor em relação aos intervalos e ao formato em que as imagens são pensadas é distinta e única. Groensteen (2015) argumenta que a “imagem sequencial é plenamente narrativa, sem necessariamente precisar de suporte verbal.” (pág. 17). As imagens de uma história em quadrinhos não oferecem,

portanto, uma leitura única e definitiva, elas são como pequenas peças que se complementam de maneira que ao fim a obra só pode ser lida como um todo, com as imagens complementando e apresentando um dispositivo maior.

A dinâmica dessa representação é baseada em um preenchimento dos espaços vazios pela imaginação dos leitores e por isso se torna uma forma de arte que necessita de uma reconstrução por parte do espectador. Segundo o filósofo e teórico da comunicação, MCLUHAN, em *Os meios de Comunicação como extensões do homem* (1969) a proposição de meios quentes (*hot media*) e meios frios (*cool media*) os quadrinhos se caracterizam como meios frios, pois dentre as características citadas por ele para definir essa categoria estão a alta participação do espectador, não-linear e requer mais de um sentido em baixa definição.

Para David Kunzle, professor da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles), após uma grande pesquisa acerca dos quadrinhos, a sua definição se baseia em:

Uma história em quadrinhos, seja de qualquer período ou país, precisa cumprir as seguintes condições para ser tratada como tal: 1. Que exista uma sequência de imagens separadas; 2. Que exista preponderância de imagens em relação ao texto; 3. A história em quadrinhos precisa ser concebida para reprodução e aparecer em suporte impresso, ou seja, um suporte que predisponha à sua difusão massiva; 4. A sequência deve contar uma história que tanto tenha sentido moral quanto seja atual. (KUNZLE apud GROENSTEEN 2015).

Já o historiador francês, Pierre Couperie, chefe de equipe do Centro de Investigação Histórica da Escola de Altos Estudos em Ciências sociais, em Paris, traz a seguinte definição:

As histórias em quadrinhos seriam uma narrativa (mas não obrigatoriamente uma narrativa...) constituída pelas imagens criadas pela mão de um ou mais artistas (a fim de eliminar o cinema e a fotonovela), imagens fixas (diferente dos desenhos animados), múltiplas (ao contrário dos cartuns) e justapostas (diferente da ilustração e dos romances em gravura. Mas essa definição ainda se aplica muito bem à Coluna de Trajano e à Tapeçaria de Bayeux... (COUPERIE apud GROENSTEEN 2015).

Essas definições encontram muitos teóricos contrários, pois há exemplos de histórias em quadrinhos que existem sem esses elementos citados pelos professores. Há exemplos como *Um Pedaco de Madeira e Aço*, de Christophe Chabouté (Figura 1), que é constituída sem nenhum diálogo e sem elementos textuais. Portanto, acerca de tantos fatos que refutam uma explicação e definição única, GROENSTEEN (2015) apresenta um conceito amplo e com poucas normas para definir o que é preciso para criar uma história em quadrinhos. Ele argumenta que “faz-se necessário reconhecer como único fundamento ontológico dos quadrinhos a conexão de uma pluralidade de imagens solidárias.” (pág. 27).

Figura 1



Figura 1: Fonte: editora Pipoca e Nanquim. Disponível em: <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/81HrdM6KCjL.jpg>

Portanto quando analisamos as histórias em quadrinhos não há apenas uma definição universal do que seja e nem um consenso de quais elementos além de desenhos dentro de quadros são primordiais para se exemplificar o que é uma HQ.

3. JORNALISMO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM *MAUS*: A HISTÓRIA DE UM SOBREVIVENTE

Como pudemos perceber, ao buscar uma definição tanto de jornalismo quanto de quadrinhos esbarramos em poucas determinações concretas. Não há uma clara definição tanto do que é jornalismo quanto do que são histórias em quadrinhos, portanto nesse trabalho acadêmico o objetivo é mostrar como *Maus* se utiliza de técnicas jornalísticas e técnicas em quadrinhos para a produção dessa obra.

Diferente dos capítulos anteriores, que buscam determinar as técnicas utilizadas, o foco aqui é explorar *Maus* em si, apresentar fatos que explorem a linguagem do objeto e com isso tornem a obra única.

Muitos consideram a obra de Joe Sacco como o primeiro exemplar de jornalismo em quadrinhos na história, porém podemos analisar alguns exemplos de caricaturas jornalísticas do séc XIX. O jornal francês *La Caricature* (confira a imagem abaixo), circulou até 1835, considerado “o primeiro periódico francês a combinar sátira política e arte contemporânea.” (NERY, 2006: 144). É necessário explicar aqui que charges, caricaturas ou cartuns não são considerados quadrinhos por não apresentarem uma narrativa completa, como alguns teóricos defendem e podem ser lidos no capítulo 2. Porém a união de arte e jornalismo já surgia há muito mais tempo que algumas pessoas pensam.



Figura 2: Fonte: Wikimedia Commons disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:La_Caricature,_cover,_by_Lengo,_12-07-1902.jpeg

Voltando um pouco mais para Joe Sacco e porque sua obra é tão importante para o jornalismo em quadrinhos. O jornalista maltês possui obras como *Palestina* (Figura 2) e *Notas sobre Gaza*, onde esteve cobrindo os locais de conflito e transformou essa reportagem em uma história em quadrinhos. O ato foi visto como inovador e revolucionário para muitos pois seria uma nova forma de se produzir histórias em quadrinhos, nesse caso por meio de um correspondente de guerra.

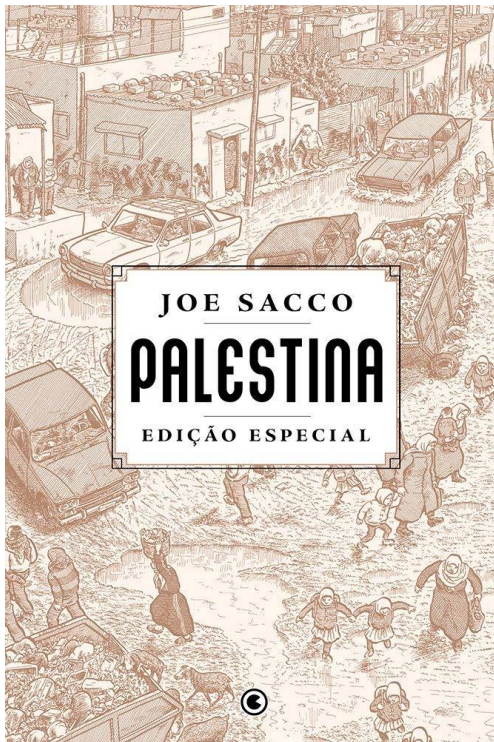


Figura 3: Fonte: Editora Conrad. Disponível em: https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51tKK5A9DgL._SX330_BO1,204,203,200_.jpg

Publicada originalmente em 1986, *Maus – A História de um Sobrevivente* conta a história de Art Spiegelman entrevistando o próprio pai sobre como foi ser um sobrevivente de Auschwitz durante a 2ª Guerra Mundial.

Na Figura 4 podemos ver uma transição entre os momentos de uma entrevista e da história que o entrevistado conta, recurso muito utilizado em filmes e histórias em quadrinhos.



Figura 4: Na imagem podemos ver uma transição entre as linhas temporais, onde o autor utiliza um artifício de aplicar um quadro distinto dos demais para sinalizar essa mudança. Uma saída gráfica para auxiliar na narrativa da história. Fonte: SPIEGELMAN, 2005, p 14.

Na história Spiegelman desenha os personagens de maneira antropomorfizada. Caracterizado como uma *animal strip*, estilo próprio das artes visuais que produz tirinhas com animais antropomorfizados, a fim de tornar as emoções e ações humanas mais palpáveis e assimiláveis pelo leitor. Em *Maus* os judeus são ratos, os alemães gatos, os poloneses porcos, os americanos cachorros e os franceses sapos. Essa escolha traz aspectos que somente uma história em quadrinhos poderia traduzir, pois há ali a presença do imagético além do textual, dessa maneira a leitura é complementada e seu sentido é ressignificado.



Figura 5: Na imagem acima podemos verificar os elementos de antropomorfismo e dessa maneira diferenciar as etnias e nacionalidades dos povos. Fonte: SPIEGELMAN, 2005, p 35.

DUTRA (2003) defende que *Maus* é uma narrativa jornalística:

Maus [...] não é uma reportagem investigativa tradicional como Palestina [...], mas a classificação como jornalismo ainda é cabível. A narrativa, de teor autobiográfico, se dá em dois tempos: no atual, Spiegelman conta a difícil convivência que teve com seu pai Vladek, um judeu verdadeiramente clichê – isto é, mesquinho e pouco emotivo; no tempo passado, a narrativa mostra a dura luta de Vladek para sobreviver em um campo de concentração nazista durante a II Guerra Mundial (DUTRA, 2003: 70).

Esse teor autobiográfico e de metalinguagem é apresentado de forma explícita na Figura 6, que pode ser vista abaixo.



Figura 6: nessa seqüência podemos ver todos os traços de metalinguagem e de um desenho que brinca com o fato de todo o restante da história ser antropomorfizado. Nesse trecho o elemento artístico visual tem importância fundamental na mensagem que quer ser passada. Fonte: SPIEGELMAN, 2005, p 201.

Essa reunião de linguagens remete ao que GROENSTEEN (2015) complementa a ideia de que o meio HQ possui uma infinidade de possibilidades e pode ser composta de elementos muito distintos. Para ele:

As histórias em quadrinhos baseiam-se num conjunto articulado de mecanismos que se envolvem na representação e na linguagem e esses mecanismos, por sua vez governam parâmetros diversos nos quais a interação dinâmica assume muito variadas de uma HQ para outra. (GROENSTEEN 2015)

Maus reúne narrativas e linhas do tempo complementares que ao final unem técnicas jornalísticas, literatura e quadrinhos. A história transcorre inicialmente do próprio Art Spiegelman indo a casa do pai para conversar sobre

como foi o período no campo de concentração e quando Vladek Spiegelman começa a contar sobre sua experiência a história se desloca para a época da 2ª Guerra Mundial.

As técnicas de jornalismo empregadas são a entrevista que Art faz com seu pai, exemplificada no quadro abaixo.



Figura 7: Na imagem podemos ver que a técnica dos quadros usada em confluência ao que está sendo contado pelas palavras traz o elemento dos quadrinhos. Fonte: SPIEGELMAN, 2005, p 47.

Em um artigo sobre *Maus* publicado pela jornalista Quincy Quill, ao jornal *The Telegraph*, conta sobre a importância de ser ter um jornalismo em quadrinhos diferente dos demais, que se destaca. Para ela, “Parte do poder do jornalismo em quadrinhos é que ele é novo e pouco familiar para muitas pessoas. a mente encara o desconhecido, desperta atenção e acumula energia extra para se concentrar no estranho.” (QUILL, 2018).

Para fechar esse capítulo trago novamente a citação de Tom Wolfe que foi utilizada no primeiro capítulo:

Neste novo jornalismo não há pecados capitais; não ainda, de qualquer modo... Se o jornalista quer mudar do ponto de vista em terceira pessoa para o ponto de vista de primeira pessoa na mesma cena, ou se quer entrar e sair do ponto de vista de diferentes personagens, ou se quer saltar da voz do narrador onisciente para o fluxo de consciência de outro alguém (...) ele o faz. Para esses glutões do estilo, a única regra é a do fora-da-lei, no que se refere à técnica: tome-a, use-a, melhore-a (WOLFE, 1976, pág. 53).

Todos os recursos citados por Wolfe são usados por Spiegelman, como mudança de narrativa, no momento em que Art Spiegelman se mostra como entrevistador; diversidade de pontos de vista, intercalando a palavra de Art e Vladek; por fim narrador, dando a Vladek esse espaço enquanto a história se transcorre em meio aos seus depoimentos.

4. CONCLUSÃO

Ao final dessa pesquisa pude perceber que tanto os quadrinhos quanto o jornalismo possuem características comuns acerca de sua recepção e de seu tratamento. Ambos estão localizados na literatura, mas são considerados “menores”, o motivo disso não é expressamente debatido ou claramente dito, porém o que se especula é que conforme o tempo passou suas origens, que começaram juntas, acabaram se distanciando e se tornando populares, o que causou um afastamento da academia.

Juntar jornalismo e quadrinhos não de maneira do suporte em que é publicado, mas sim do modo que se produz é algo novo. Se o começo dos quadrinhos dependia do jornal impresso para sua veiculação, hoje a ideia de juntar técnicas de jornalismo e aplicá-las nos quadrinhos é uma oportunidade de se pensar em como tentar salvar os jornais.

Maus é sem dúvida uma das mais importantes *graphic novels* já lançada na história, a prova disso é sua influência para todos os quadrinista independentes e o Prêmio Pulitzer conquistado em 1992. O objetivo desse trabalho era reunir definições de jornalismo e quadrinhos para então organizar uma visão mais ampla de como as técnicas de produção de cada obra se alinham e criam o jornalismo em quadrinhos, vertente difundida nos anos 1990 e que praticamente esquece de sua principal base formadora, *Maus - A História de um sobrevivente*.

Ao buscar uma definição clara e exata do que é jornalismo em quadrinhos pode se perceber que não existem definições universais nem para essas duas formas de comunicação que servem de base para o trabalho. Mas não é por isso que considero que não foram atingidos alguns dos objetivos. Penso que ao reunir e associar teorias de vertentes de estudos diferentes, é possível partir de um ponto para produzir uma nova obra de jornalismo em quadrinhos.

Esse artigo, acima de tudo pode ser uma introdução para jornalistas que queiram contar suas histórias de maneiras diferentes das tradicionais, sabendo um pouco mais acerca do que são histórias em quadrinhos e como foram feitas algumas outras obras já é uma base resumida acerca do tema completo.

5. REFERÊNCIAS

COSTA, Carlos. A formação do jornalista: olhar crítico e contemporaneidade. Prefácio. In: I. COELHO, Cláudio Noaves Pinto II. KÜNSCH, Dimas A. III. MENEZES, José Eugenio de O. **Jornalismo e contemporaneidade: um olhar crítico** - São Paulo: Plêiade, 2015.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Jornalismo em quadrinhos: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros autores**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientador: Prof. Dr. José Amaral Argolo.

EISNER, Will. **Comics and Sequential Art**, Poorhouse Press, 1990 (1st ed.: 1985), p. 5.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2005.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de Comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEDINA, Cremilda. Povo e personagem. Canoas: Ulbra. — (2008), **Ciência e jornalismo, da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo, Summus Editorial. 1996

NERY, Lara Moutinho. **A caricatura: microcosmo da questão da arte na modernidade**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Universidade Pontifícia Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Orientador: Prod. Dr. Luiz de França Costa Lima Filho.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

QUILL, Quincy. **Medalist Art Spiegelman: Comics as narrative art**. Disponível em: <<https://www.nashuatelegraph.com/opinion/local-commentary/2018/08/02/medalist-art-spiegelman-comics-as-narrative-art/>>

Acesso em: 10/04/2020

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo Volume I: porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular. 2005.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente.** São Paulo: Companhia das Letras. 2005.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens.** São Paulo: Ed. Summus, 2002.

WOLFE, Tom. **Como um Romance in Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo, Companhia das Letras, 2005